

Novos projetos aceleram ritmo da indústria

Concorrência dos importados continua forte, mas apoio do governo e vendas no exterior beneficiam o setor

O desempenho da indústria de equipamentos de saúde é excepcional. O Produto Interno Bruto (PIB) do setor foi de R\$ 2,4 bilhões em 2012, crescimento real em torno de 7% ao ano entre 2007 e 2012. A produção bateu em R\$ 4,8 bilhões, 10,67% a mais do que no ano anterior. Os investimentos somaram R\$ 307 milhões, o equivalente a 13% do PIB setorial. Foram puxados principalmente pela montagem, ampliação e modernização de fábricas, tanto das multinacionais quanto das indústrias brasileiras.

Segundo os fabricantes, a trajetória poderia ser melhor se o setor conseguisse equacionar a falta de isonomia tributária entre produtos importados e nacionais. Hospitais públicos, beneficentes e filantrópicos, responsáveis por 15% a 20% da demanda interna, têm direito a comprar equipamentos do exterior com isenção de impostos. Com isto, os importados custam até 18,5% menos que os similares nacionais. A indústria brasileira tem capacidade para atender até 95% da demanda por equipamentos e materiais de consumo, como mostra estudo da Associação Brasileira da Indústria de Artigos, Equipamentos Médicos, Odontológicos, Hospitalares e de Laboratórios (Abimo).

Com isso, o déficit comercial passou de US\$ 1,7 bilhão para US\$ 3,7 bilhões entre 2007 e 2012, crescimento médio de 16,5% ao ano, e deve continuar. "Como há maior demanda pelos serviços de saúde, principalmente em função do envelhecimento da população, o fosso entre exportações e importações promete aumentar", diz Carlos Goulart, presidente-executivo da Associação Brasileira da Indústria de Alta Tecnologia de Equipamentos, Produtos e Suprimentos Médico-Hospitalares (Abimed). "É preciso reverter essa situação de desigualdade que desestimula quem produz, emprega, gera valor agregado e inova no Brasil", diz Paulo Fraccaro, presidente-executivo da Abimo, que se movimenta por ministérios e corredores do Congresso Nacional na tentativa de sensibilizar governo e parlamentares.

O déficit do complexo de saúde, estimado em US\$ 11 bilhões, preocupa os empresários e o Ministério da Saúde. Em 2012, o governo anunciou uma série de medidas para ao menos amenizar a situação. Uma delas, a desoneração da folha de pagamentos, foi bem recebida pelo empresário e contribuiu para reduzir os custos de produção, bem como a queda no custo da energia elétrica.



Brega, da Confiante: aposta na integração das máquinas

LEO PINHEIRO / VALOR

O PAC Equipamentos para a área de saúde, que previa R\$ 1,5 bilhão em investimentos para a aquisição de veículos e equipamentos, pouco avançou. Em 2012, o Ministério da Saúde anunciou apenas um negócio: a compra de 80 aceleradores lineares para tratamento de câncer e a construção de locais para a instalação dos aparelhos, no valor de R\$ 500 milhões. A primeira fase, a licitação dos equipamentos, está em curso e o governo sequer definiu os Estados que devem recebê-los.

O Ministério da Saúde lista gastos de R\$ 633 milhões com recursos do PAC Equipamentos para a compra de ambulâncias, balanças, detectores fetais e veículos de intervenção rápida. Mas apenas 1.290 ambulâncias e 20 micro-ônibus foram efetivamente entregues – 168 furgões foram recebidos e a distribuição estava prevista para o fim de agosto. O ministério não informa qual o valor destinado para a compra de equipamentos.

Uma das ações do PAC Equipamentos prevê que fabricantes nacionais de equipamentos terão preferência nas compras realizadas pelo governo federal. Cerca de 80 itens poderão ser adquiridos por preços entre 8% e 25% superiores aos dos importados. Fraccaro diz que a margem de preferência vale apenas para compras federais, que representam 15% do total. "Estados e municípios não são obrigados a aderir ao programa. Assim, a medida não gera efeitos de impacto para a indústria nacional." O Ministério da Saúde reconhece as dificuldades de uso do instrumento, mesmo porque alguns itens não são fabricados no Brasil. "Mas, com a política de margens, algumas empresas anunciaram a instalação de unidades fabris no país, como é o caso da Sorim, que vai construir uma fábrica de marca-passos no Distrito Federal", informa o ministério.

Neste ano, o governo lançou um novo instrumento para incentivar a inovação e reduzir o déficit comercial: o Inova Saúde, que contempla cinco áreas, incluindo a de equipamentos. O primeiro edital, no valor

de cerca de R\$ 600 milhões, recebeu 145 cartas de manifestação de interesse, com demanda de R\$ 1,3 bilhão. Além do apoio financeiro para o desenvolvimento de projetos, os vencedores, a serem anunciados em dezembro, vão vender os produtos para o Ministério da Saúde e receber bolsas de estudo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para qualificar a mão de obra.

Enquanto as medidas demoram a sair do papel, a indústria nacional investe em pesquisa e desenvolvimento para enfrentar a concorrência dos importados. A WEM Equipamentos, líder no mercado nacional de bisturis eletrocirúrgicos, com cerca de 70% de participação do mercado, optou por trabalhar com produtos inovadores, de maior valor agregado. Para isso, aplica 5% do faturamento anual em pesquisa e desenvolvimento. Um deles, a caneta cirúrgica descartável CVHP Griff, ganhou um prêmio internacional de design e foi lançada primeiramente nos Estados Unidos, onde conseguiu a aprovação da Food and Drug Administration (FDA), a agência reguladora local para alimentos, fármacos e material médico. O equipamento reduz a perda de sangue em 5% e diminui entre 30% e 40% a duração da cirurgia. "Por isso, ela é cada vez mais utilizada nos procedimentos cirúrgicos realizados nos hospitais americanos", diz Edson Vieira, diretor comercial da empresa.

O projeto inovador é resultado de pesquisas realizadas pela empresa para levantar as necessidades dos médicos durante a realização de cirurgias de alta complexidade. "Investimos principalmente em inovações incrementais, como novas formas de usar o produto", diz Vieira. A empresa tem laços estreitos com a Universidade de Brasília e com o campus de São Carlos da Universidade de São Paulo – o projeto com a USP passou na primeira seleção do Inova Saúde.

A ênfase em inovação ajuda a WEM a conquistar mercado no exterior, onde atua desde 2000,



Vieira, da WEM: aprovação da caneta cirúrgica descartável pela FDA

quando participou de uma feira internacional pela primeira vez. "É preciso abrir novas frentes de atuação para fugir da concorrência dos importados no mercado interno." Neste ano, as exportações deverão representar 20% do faturamento e a expectativa é chegar a 30% até 2015. Os negócios crescem nos Estados Unidos, o maior cliente entre os 70 países para os quais a empresa vende cerca de 250 itens. A estratégia de oferecer produtos inovadores dá bons resultados: há anos a empresa cresce a taxas de dois dígitos e espera fechar 2013 com expansão entre 13% e 15%.

A Confiante Medical vai pelo mesmo caminho. Depois de iniciar as atividades prestando assistência técnica para equipamentos de endoscopia flexível, a empresa mudou de rota em 2005 e partiu para a produção de equipamentos. Dois anos depois, os sócios Cristiano Brega e Guarany Guimarães resolveram abandonar de vez a área de assistência técnica e concentrar esforços no novo segmento. "O começo foi difícil por sermos uma empresa nova, atuando em um mercado dominado por multinacionais", diz Brega, diretor administrativo-financeiro da Confiante.

Dispostos a trabalhar com produtos inovadores, os sócios criaram a Confiante P&D, que deu os primeiros passos na incubadora do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia, a renomada Coppe da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ali começou a ser desenvolvido o conceito de sala cirúrgica inteligente, que integra os equipamentos em apenas um, comandado pelo cirurgião. Agora, se debruça sobre a proposta da sala inteligente de telemedicina.

A empresa conseguiu R\$ 230 mil em subvenção da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e R\$ 120 mil da Agência Brasileira de Inovação (FINEP). E acaba de ser classificada para concorrer ao Inova Saúde. "O produto está em fase de obter patente e vai revolucionar procedimentos de cirurgia vascular." Nos últimos dois anos, o faturamento cresceu 88%, dos quais 3% são investidos em pesquisa e desenvolvimento. A Confiante se prepara para participar pela primeira vez da Medica, a maior feira do setor, a ser realizada em novembro, na Alemanha. Será o primeiro passo para alçar voo rumo ao exterior.